

As Relações de Poder no Mediterrâneo Antigo e a Presença Inicial dos Gregos no Egito durante os Séculos VII e VI a.C.

Power Relations in the Ancient Mediterranean and the Early Presence of the Greeks in Egypt during the 7th and 6th Centuries BC.

Alair Figueiredo Duarte¹

Hector Eliahou Leon Levy²

¹ Doutor em História Comparada (UFRJ); vice coordenador geral e pesquisador do Núcleo de Estudos da Antiguidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NEA/UERJ); pesquisador do Laboratório de Simulações e Cenários da Escola de Guerra Naval da Marinha do Brasil (LSC-EGN/MB). Tem experiência na área de História Antiga, com ênfase em Guerra e Teatro Grego.

² Advogado formado pelas Faculdades Metropolitanas Unidas em São Paulo (FMU), 2016. É especialista em Direito de Família e Sucessões pela Faculdade Damásio em São Paulo (SP). Atualmente é aluno dos cursos de especialização em Direito Contratual pela Faculdade Legale (SP) e História Antiga e Medieval oferecido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Foi orientado pelo Professor Doutor Alair Figueiredo Duarte (UERJ) durante a elaboração do presente artigo e no seu trabalho de conclusão de curso intitulado “Os Homens de Bronze nas Duas Terras: A Presença Grega na Terra dos Faraós e o Poder na Sociedade Egípcia durante a XXVI Dinastia”.

DOI: 10.12957/nearco.2022.62751

Resumo

Os contatos entre gregos e egípcios no mundo antigo se intensificaram a partir do século VII a.C., por meio do comércio e alianças políticas. Nesse contexto, utilizando como fonte principal a obra “Histórias” de Heródoto, e os ensinamentos do cientista político e filósofo Norberto Bobbio, como conceitos teóricos, analisaremos as relações entre helenos e egípcios, bem como os seus impactos no Egito Saíta (c. 664-525 a.C.).

Palavras-Chave: Egito Saíta. Homens de Bronze. Stratopedas. Symmachia.

Abstract

The contacts between Greeks and Egyptians in the ancient world intensified from the 7th century BC, through trade and political alliances. In this context, using Herodotus'

"Histories" as the main source and teachings of political scientist and philosopher Norberto Bobbio, as theoretical concepts, we will analyze the relations between Hellenes and Egyptians, as well as its impacts on Saite Egypt (c. 664-525 B.C.).

Keywords: Saite Egypt. Men of Bronze. *Stratopedas*. *Symmachia*.

A propósito das relações entre helenos e egípcios durante os séculos VII-VI a.C., período que corresponde a dominação da XXVI dinastia egípcia (c.664-525 a.C.)³³, também conhecida como “Saíta”, percebemos a existência de um momento marcado pela reunificação do Egito e pelo fortalecimento do poder faraônico, após épocas de divisão política e dominações estrangeiras no Egito. Nesse sentido, ao conceituarmos o poder, utilizamos como base os conceitos teóricos presentes na obra do cientista político e filósofo italiano Norberto Bobbio (2000), o qual define o poder em si não apenas como “uma relação entre dois sujeitos, no qual um impõe ao outro a própria vontade” visando atingir os fins pretendidos, mas também o domínio sobre os meios (natureza e dos homens), necessário para que indivíduo também atinja os seus objetivos (BOBBIO, 2000, p. 161).

Verificamos a existência de diversas formas pelas quais essa dominação se manifesta em uma determinada sociedade, como é o caso do poder político, onde se observa a “exclusividade do uso da força em relação a todos os grupos que agem em um determinado contexto social” (poder esse considerado por Bobbio como “supremo em uma sociedade de desiguais”); ou o econômico, no qual se verifica a capacidade do dominador em recompensar os subordinados pelos seus serviços (com terras e privilégios, por exemplo). Não menos importante é o chamado poder ideológico, no qual se percebe a existência de ideias estabelecidas pelos governantes que influenciam a vida

³³ BAINES, John; MÁLEK, Jaromír. **Deuses, templos e faraós. Atlas Cultural do Egito Antigo**. 1ª ed. Barcelona. Folio. 2008, pp. 36-37. Para fins cronológicos da civilização egípcia, utilizaremos em nossa pesquisa as datações presentes na obra dos egiptólogos John Baines e Jaromír Málek. Todas as datas apresentadas nesse artigo são aproximadas e antes da era cristã, de modo que dispensamos o emprego da abreviação “a.C.” (antes de Cristo) e c. (cerca de) para as datações que se seguirão após essa página.

dos governados (BOBBIO, 2000, pp. 160-164). Sendo esses poderes indissociáveis, verificamos no caso egípcio, que uma vez em desarmonia, eles contribuíam para o surgimento de períodos marcados pela instabilidade política, enfraquecimento econômico e, por vezes, dominações estrangeiras no país.

Inseridos nos debates que tangem o poder, para compreendermos a ascensão da dinastia saíta no Egito, torna-se necessário abordarmos, ainda que de forma breve, os antecedentes históricos de tal evento, visando facilitar a compreensão do leitor. Isso se dá primeiramente pelo fato de que a civilização egípcia, às vésperas do período saíta, já não era mais marcada pelo esplendor que vigorava no chamado Novo Reino (c. 1550-1070). Muito pelo contrário: nos momentos finais desse período de “vacas gordas”, observamos a perda contínua do prestígio da figura faraônica (na política interna e externa), como resultado da diminuição não apenas das atividades no exterior (provocando a redução de receitas para o Egito), como também dos programas de construção de monumentos. Ao mesmo tempo, faraós como Ramsés XI (1100-1070), delegavam cada vez mais as funções de governo aos seus oficiais. Após a morte desse soberano, temos o início do chamado Terceiro Período Intermediário (1070-712) (FORSHAW, 2019, pp.03-06).

Esse período da história egípcia é marcado tanto pela descentralização política no país, como pelo fortalecimento de algumas facções políticas independentes, como os sacerdotes de Amon em Tebas e certos grupos líbios que se estabeleceram, principalmente, no Baixo Egito (na região norte do país, também conhecida como o Delta). Essas famílias líbias formariam verdadeiras dinastias (a exemplo da XXI e XXII) e, muito em breve, por volta do século VIII a.C., competiriam pelo poder com um novo grupo de estrangeiros: os núbios (também conhecidos como kushitas), oriundos do reino de Napata, na Núbia. Eles formariam a XXV dinastia no Egito (BAINES; MÁLEK, 2008, pp.46-48). Essa nova facção, buscando fortalecer o seu poder, aliou-se com Tebas, principalmente por meio da nomeação de membros da família real em altos cargos do

clero tebano (seguindo o exemplo de alguns faraós líbios de outrora). Contudo, a XXV dinastia (770-657), além de não reestabelecer o poder centralizado no Egito (destacando a existência de principados líbios semiautônomos no Delta), teve uma duração breve. A interferência egípcio-kushita na região do Levante (Síria, Palestina e Fenícia), contra os interesses da Assíria, resultou na invasão do Egito por essa potência mesopotâmica, durante o reinado de Esarhaddon (681-669) e seu filho, Assurbanipal (660-627), culminando em um novo período de dominação estrangeira na terra dos faraós (BAINES; MÁLEK, 2008, pp. 49-50). Esses reis assírios nomeariam líderes (muitos de origem local, sobretudo os da região do Delta), para que protegessem os interesses da Assíria no Egito.

Contudo, Psamético (664-610)³⁴, inicialmente governador de Saís e Mênfis, nomeado por Assurbanipal, buscará consolidar o seu poder sobre a terra dos faraós, contando com o auxílio, não apenas da população local, como também de forças externas, sobretudo as oriundas da Ásia Menor, como os jônios e cários. A presença inicial desses estrangeiros no Egito contribuirá para o fortalecimento do poder saíta, bem como no desenvolvimento das comunidades gregas na terra dos faraós, acentuando-se, assim, a diversidade étnica e cultural que já existia no Egito.

A consolidação do poder por Psamético I sobre as Duas Terras (Alto e Baixo Egito) é, na maioria das fontes que utilizamos, atribuída principalmente à participação de grupos estrangeiros, como jônios e cários, os quais teriam se aliado ao faraó e, sob a promessa de recompensas, combateram os inimigos do líder egípcio, ajudando-o a reunificar o Egito. Nesse sentido, verificamos inicialmente duas narrativas escritas por autores gregos que versam sobre o assunto em questão, sendo que a primeira delas está presente na obra de Heródoto, “Histórias”, livro II. Nesse relato, o autor aponta que o

³⁴ Válido ressaltar que durante a dominação núbica no Egito, simbolizada pela XXV dinastia, nós observamos a existência de dinastias no Delta (reinando paralelamente com os kushitas), a exemplo da XXIV e XXVI (oriundas da cidade de Saís).

Psamético foi, em determinado momento, exilado para as regiões pantanosas do Egito pelos demais líderes (eram doze “reis” que controlavam o Egito, contando com Psamético). Ao jurar vingança, ele buscou o auxílio do oráculo de Buto, que havia predito que a ajuda viria pelo mar, quando os chamados “Homens de Bronze” apareceriam (não confundir com a “raça de bronze” mencionada por Hesíodo em sua obra “Os Trabalhos e os Dias”). Tempos depois, uma companhia de piratas jônios e cários, desembarcou no Egito, e um nativo que presenciou o fato foi avisar Psamético. Esses estrangeiros estavam bem equipados com suas armaduras de bronze, e o faraó, acreditando que esse acontecimento fosse o cumprimento da profecia do oráculo, se aliou aos piratas e, com a promessa de recompensá-los, utilizou os seus serviços na sua luta contra os onze reis, resultando na sua vitória e na reunificação do Egito (Heródoto, livro II, capítulos 151-152).

Já na narrativa de Diodoro Sículo, presente na sua obra “Biblioteca Histórica”, livro I, o autor aponta para a existência de ligações comerciais entre Psamético e os povos do Mediterrâneo, como fenícios e gregos, interações essas que resultaram em relações de amizade entre esses grupos e no desenvolvimento do reino de Psamético, desencadeando a inveja de seus rivais, motivo pelo qual o declararam guerra. Assim, o líder de Saís mandou buscar mercenários da Jônia e da Cária, os quais o auxiliaram contra os seus inimigos, tornando-o faraó de todo o Egito (Diodoro Sículo, livro I, capítulo 66).

Por outro lado, como destaca o professor especialista em Heródoto, Alan Lloyd, existe uma terceira narrativa que aborda esses eventos, e que se encontra em um documento assírio conhecido como o “Cilindro Rassam” (Prisma A), de autoria de Assurbanipal, rei da Assíria, contemporâneo de Psamético, na qual se destaca uma aliança militar entre Giges, rei da Lídia (antigo reino da Ásia Menor, que na época exercia influência sobre a Jônia e a Cária), e o líder saíta, tendo em vista que : “Ele

[Giges], enviou suas forças para auxiliar Psamético, rei do Egito, o qual se libertou do meu jugo [Assurbanipal]” (Assurbanipal, Cilindro Rassam, II, versos 114-115).

Alan Lloyd aponta para o fato de que, tanto os relatos presentes na obra de Heródoto, como no Cilindro Rassam, correspondem a um único evento. Isso se dá porque o autor grego se servia dos relatos de testemunhas, principalmente dos eruditos que encontrava em suas viagens (como os sacerdotes egípcios), os quais muitas vezes modificavam, de acordo com os seus interesses, a realidade dos fatos (LLOYD 1975, p.15). Nesse sentido, como Lloyd destaca, a versão de Heródoto (construída a partir dos relatos desses intelectuais) traz a figura de Psamético como um poderoso faraó que “consultava oráculos, reconhecia o cumprimento de suas profecias, contratava gregos e derrotava os adversários” e, nesse cenário, “a menção da dependência do faraó ao rei da Lídia dificilmente se encaixaria em tal imagem, e, portanto, foi ignorada” (Ibidem). Deste modo, Lloyd acrescenta que “Giges, se sentido pressionado pelos assírios, decide causar problemas em algum lugar do império [assírio] e busca ajudar Psamético, enviando uma força de mercenários jônios e cários, cuja ajuda expulsou as guarnições assírias” (Ibid).

Válido destacar que a presença de gregos a serviço de potências estrangeiras já era comum antes da época de Psamético. Desta forma, o historiador e arqueólogo John R. Hale aponta que muitos jônios e cários já atuavam no Mediterrâneo como mercenários ou piratas. Em registros assírios, verificamos o ataque desses últimos nas regiões levantinas dominadas pela Assíria (738-731). Essa potência tão logo empreenderia campanhas punitivas, derrotando os jônios e cários, e forçando muitos dos prisioneiros de guerra a servirem no exército assírio (HALE, 2013, p.138). Verificamos, no entanto, que, nesse caso, os prisioneiros atuariam mais na condição de auxiliares do que mercenários.

Nesse contexto de relações diplomáticas envolvendo a Lídia e o Egito, destacamos a chamada “*Symmachia*”, como eram denominadas pelos gregos as alianças

militares entre Estados. Nesse sentido, o Professor Doutor Alair Figueiredo Duarte, destaca que:

Como nos aponta Yvon Garlan, aliados eram aqueles que prestavam assistência efetiva em tempo de guerra e *symmachia* era o nome dado a este auxílio de força suplementar (GARLAN, 1991,41). A partir desse acordo, o aliado poderia solicitar o envio de socorro material como: víveres, navios, armas ou mesmo recursos pecuniários [...] as divisões quanto às despesas de guerra eram cuidadosamente estipuladas previamente entre aliados (GARLAN, 1991, 136). Tal fato, nos permite apreender que uma Cidade-Estado, ao solicitar ajuda, poderia assumir as despesas referente à manutenção das tropas de apoio, em parte ou totalmente (GARLAN,1991 *apud* DUARTE,2013, p.93).

Desta forma, verificamos que, ao contrário do que as narrativas de Heródoto e Diodoro nos fazem supor, a presença inicial dos gregos jônios se deu dentro de um contexto de alianças políticas e não por conta de uma relação de mercenarismo, de modo que não seria correto classificar os soldados enviados por Gíges como mercenários (*misthoporos*), mas sim como aliados (*epikouros*).

Como o egiptólogo Roger forshaw bem destaca, a ascensão de Psamético como faraó se iniciou na região do Delta, sobretudo por meio de alianças com os líderes locais, o que não significa dizer que a presença grega (representada pelos jônios) não teve a sua importância. Ao contrário, as tropas helenas, fortemente armadas e equipadas no estilo hoplita (muito valorizado pela sua eficácia nos campos de batalha), auxiliaram o faraó na expulsão das guarnições assírias remanescentes do Egito, sendo que o rei Assurbanipal não respondeu a afronta egípcia por conta de alguns problemas que enfrentava na Babilônia (FORSHAW, 2019, pp.56-60). Uma vez consolidado o seu poder no Baixo e Médio Egito, Psamético buscou utilizar-se, novamente, da diplomacia para obter o controle da região sul do país (Alto Egito), na época controlada pelos sacerdotes tebanos.

Seguindo os passos dos faraós líbios e kushitas, Psamético, por volta de 656, negociou com os sacerdotes tebanos para que sua filha Nitócris (ou Nitiquet) fosse

adotada como sucessora da Divina Esposa de Amon, cargo de máxima importância no sacerdócio em Tebas na época. No contrato de adoção, a “Esposa do Deus”, na época, Shepewenpet II, e a sua sucessora inicial, Amenirdis II, oriundas da família real núbia, passavam todas as suas propriedades para a princesa saíta: “com isto, nós lhe damos todas as nossas propriedades localizadas no campo e na cidade. Você (Nitiqret) se estabelecerá no nosso trono firmemente e perdurará até o fim da eternidade” (FORSHAW, 2019, p.66). Verificamos que essa atitude acabou por fortalecer o poder econômico do faraó, ao mesmo tempo que Psamético era reconhecido como senhor das Duas Terras por Tebas.

As relações entre os egípcios e os grupos populacionais que viviam na região do Egeu já eram atestadas desde a época dos cretenses³⁵ e, posteriormente, dos micênicos (esses últimos exerceram o poder no Egeu durante a segunda metade do século XV até a primeira metade do século XIV antes de Cristo). Nesse sentido o historiador François Lefèvre destaca que “as relações com o exterior já estão comprovadas, tanto pelas descobertas, na Síria e no Egito, de objetos cretenses, por sua vez influenciados pelos estilos daquelas regiões, como pelos textos” (LEFÈVRE, 2013, p.53). Ademais, Lefèvre também aponta para os achados de cerâmica micênica em diversas regiões do Mediterrâneo oriental, a exemplo do Egito. Após um período de diminuição de atividades comerciais entre a terra dos faraós e outros povos do Mediterrâneo (inicialmente por volta de 1150), nós observamos que essas relações iriam ressurgir e se intensificar a partir do século VII, como ocorreu no reinado de Psamético I, destacando o surgimento dos primeiros assentamentos gregos no Egito.

³⁵ LEFÈVRE, François. **História do Mundo Grego**. 1ª ed. São Paulo. Martins Fontes. 2013, p.51-52 Adotaremos, para fins cronológicos em nossa pesquisa, as datações presentes na referida obra de Lefèvre. No que concerne a uma breve explicação sobre a cultura minoica durante a chamada Era do Bronze, o autor destaca dois importantes períodos: o chamado “Protopalacial” (2000-1700), com a construção dos primeiros palácios que substituem as construções do período posterior conhecido como Minoico Antigo, e, em seguida, temos o chamado “Neopalacial” (1700-1450). O período em questão por sua vez se encerra com “destruições, estas decisivas, exceto em Cnossos, que perdura até 1370 a.C.”.

Nesse sentido, Heródoto aponta que:

Aos jônios e cários, os quais o ajudaram a ganhar o trono, Psamético lhes concedeu duas partes de terra, opostas uma à outra em cada lado do Nilo, as quais ele nomeou de “Campos” (*stratopedas*) e, além dessa concessão, Psamético manteve todas as promessas que havia feito a eles [...] A extensão de terra onde os jônios e cários se assentaram, e onde eles viveram por muitos anos, localizava-se a uma pequena distância de Bubastis, sentido do mar, na boca pelusíaca do Nilo [...] Eles foram os primeiros estrangeiros a viverem no Egito, e, após o primeiro estabelecimento no Egito, os gregos começaram a se relacionar de forma regular com os egípcios, de modo que o nosso conhecimento preciso sobre a história egípcia se dá do reinado de Psamético em diante. Os cais e casas em ruínas que lhes serviram como primeiras moradias, onde eles viveram até o momento em que Amásis os trouxe para Mênfis, podem ainda ser vistos nos meus dias (Heródoto, livro II, capítulo 154).

Para o professor Ronaldo Gurgel Pereira, as concessões de terras para os gregos foi uma estratégia empregada por Psamético para “guarnecer o campo contra futuras agressões estrangeiras e manter um exército permanentemente disponível para mobilizações”. O mesmo autor destaca que esse sistema permaneceu em uso até a sua abolição no reinado de Amásis II (570-526) (PEREIRA, 2019, p.153).

Corroborando a versão de Heródoto, temos um importante achado arqueológico, hoje encontrado no Museu de Hierápolis, na Turquia, conhecido como a “Estátua Votiva de Pedon” (um jônio a serviço do Egito, figura nº1), na qual consta a seguinte inscrição:

Pedon dedicou-me, o filho de Amphineos, trouxe-me do Egito. A ele o rei dos egípcios, Psamético, concedeu como recompensa por valor (ἀριστήϊα) um bracelete de ouro e uma cidade, como testemunho da minha excelência (ἀρετή) (PEREIRA, 2019, p.158).

Ademais, verificamos que o objeto em questão apresenta um estilo artístico egípcio (estátua-cubo), muito embora as suas inscrições estejam em grego (dialeto jônico), apontando para um certo sincretismo cultural.

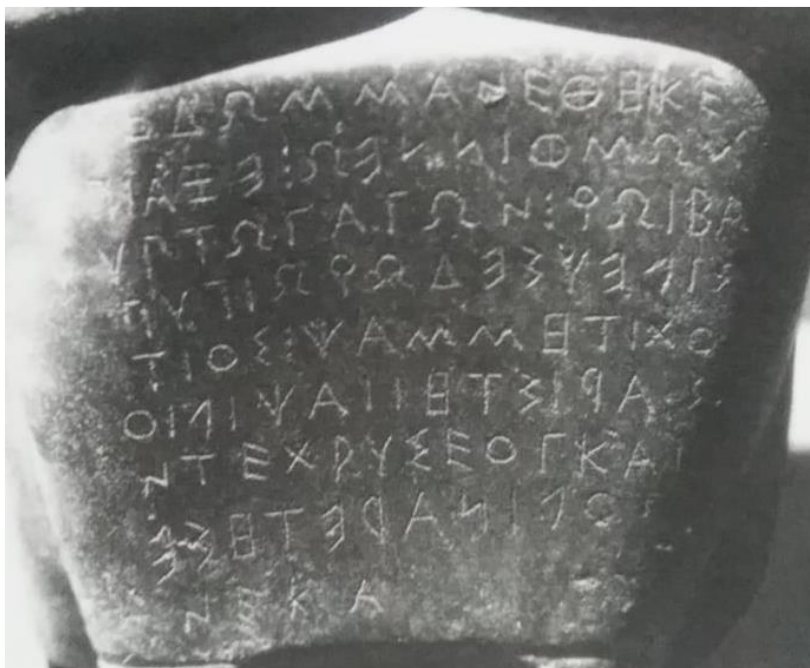


Figura 1 - A Estátua Cubo de Pédon, Museu de Hierápolis (Turquia). Referência. Moyer, 2006. Retirada do livro *Beyond The Nile: Egypt and the Classical World* (2018, p.88).

Nesse mesmo cenário, de acordo com as palavras de Diodoro:

Psamético [...] além do pagamento convencionado com os mercenários, lhes ofereceu presentes notáveis [...] Com o reino assegurado por meio dos mercenários, Psamético lhes confiou em grande medida os assuntos de governo e manteve grandes forças de estrangeiros contratados (Diodoro Sículo, livro I, capítulo 67).

Assim como Pedon, muitos outros gregos acabariam por ascender socialmente no mundo egípcio. O sucesso desses estrangeiros no Egito e o desenvolvimento de relações diplomáticas entre esses povos logo iriam atrair a vinda de novos imigrantes helenos para a terra dos faraós.

Nesse cenário, a arqueóloga Alexandra Villing destaca que os estrangeiros no Egito podiam ocupar importantes posições na sociedade “como mercenários,

conselheiros, intérpretes, e talvez, outros cargos, e poderiam adquirir não apenas riqueza, como também *status*” (VILLING, 2018, p.75). Muitos gregos que passaram a viver no Egito acabaram não apenas contraindo matrimônio com mulheres nativas, mas também adotaram elementos da cultura egípcia, muitas vezes sincretizando com aqueles de sua cultura original. Assim, verificamos que alguns desses estrangeiros passarão a nomear seus filhos com nomes egípcios, ao mesmo tempo que encontramos estátuas votivas com representações de deuses egípcios, mas que são escritas em grego (ou inscrições bilingues, em alguns casos). Algumas dessas estátuas destacam a existência de um sincretismo religioso, uma vez que verificamos a existência de novas divindades como é o caso do “*Zeus Thebaïos*”, ou o Apolo-Hórus e Dionísio-Osíris (VILLING, 2018, p.77).

Entre as regiões que verificamos a presença de comunidades gregas no Egito, destacamos a região do Delta (sobretudo “os Campos”, ou “*Stratopedas*”), a cidade de Mênfis e Náucratis, sendo essa última um importante centro comercial e religioso, no qual se encontrava o espaço sagrado conhecido como *Hellenium*, construído com os esforços de diversos grupos gregos, como jônios, dórios e eólios, oriundos de diferentes cidades, como Halicarnasso e Rodes (Heródoto, livro II, capítulos 177-178).

De acordo com a professora Christelle Fischer Bovet, as funções exercidas pelos gregos no Egito dentro da esfera militar eram diversas: alguns serviam nas fronteiras, outros em expedições militares, ao passo que muitos se encontravam na marinha, ou servindo como guarda-costas (no período de Amásis II em diante) e na fabricação ou conserto de armas (BOVET, 2014, p.22). Trata-se de um período no qual os faraós saíam empreender campanhas militares no mundo exterior, sobretudo no Levante (região ocidental da Ásia), por conta da crescente ameaça da Babilônia aos interesses egípcios na região. Diante do enfraquecimento dos assírios no Oriente, os faraós da XXVI dinastia buscaram ocupar os territórios outrora controlados pela Assíria, sendo que a presença dos gregos no exército egípcio foi de grande importância nesse sentido, pois eram

considerados como uma verdadeira força de elite. Também verificamos as atividades militares egípcias na região da Núbia e Líbia (África).

Durante as campanhas na Núbia, observamos os registros epigráficos deixados pelos soldados gregos no templo de Abu Simbel (figura 2), destacando a figura de Potasimto, chefe das tropas estrangeiras durante o reinado de Psamético II (c. 595-589).

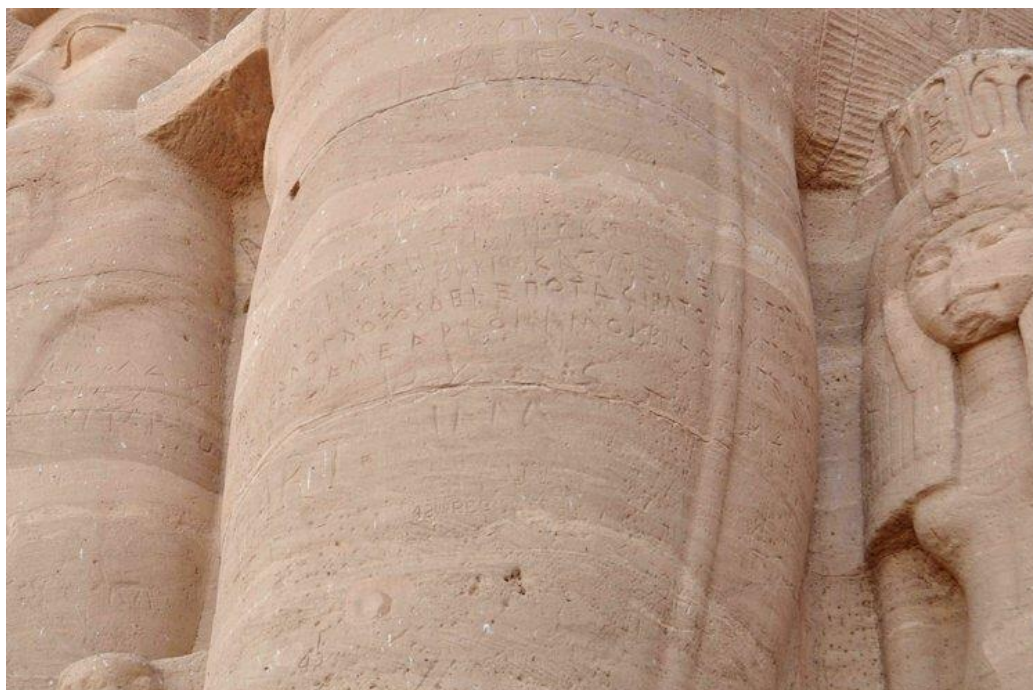


Figura 2 - Grafite grego em Abu Simbel (datado de c. 593 a.C.).

Referência. <https://www.greecehighdefinition.com/blog/2019/12/29/ancient-greeks-in-egypt> .
Acesso. 23/08/2021.

A partir da tradução das inscrições, verificamos que as tropas de origem nativa e estrangeira eram comandadas por diferentes oficiais. Ademais, observamos nesse caso a prática de alguns gregos nomearem seus filhos com nomes egípcios, como é o caso de Psamético, filho de Theokles:

Quando o rei Psamético (II) veio para Elefantina, aqueles que navegaram com Psamético, filho de Theokles, escreveram isto e eles vieram para Kerkis, até

onde o rio permitiu. Potasimto comandava os de fala estrangeira, Amásis os egípcios. Archon, filho de Amoibichos, escreveu-nos junto com Peleqos, filho de Eudamos (PEREIRA, 2019, p.165).

Quanto à participação dos gregos em outras campanhas egípcias, podemos citar, pelo menos, três casos, sendo que o primeiro deles ocorreu no reinado de Psamético I (664-610) e, os outros dois, no governo de Neco II (610-595) e Apriés (589-570). Nesse sentido, a narrativa de Diodoro aponta que já no período de Psamético I, verifica-se um grande apreço que os faraós saítas tinham pelos seus soldados gregos, de modo que isso muitas vezes resultava na insatisfação dos grupos nativos:

Quando marchou contra a Síria, (Psamético) honrou mais os mercenários gregos na ordem de batalha, ao dispô-los na parte direita, e tratou mais desonrosamente os nativos, ao atribuir-lhes o lugar esquerdo da falange. Os egípcios, que eram mais de duzentos mil, irritados com o ultraje, se revoltaram e se dirigiram para a Etiópia, determinados a conquistar um território próprio. O rei enviou primeiro alguns dos seus generais para se desculparem pela ofensa, contudo, como não os convenceu, o próprio rei, com seus amigos em barcos, foi até eles [...] os suplicou que mudassem o parecer [...] Com tal demonstração de magnanimidade e desprezo por aquele que se considerava maior entre os demais, tomaram (os rebeldes) a maior parte da Etiópia e, após se distribuírem por um grande território, se estabeleceram nele (Diodoro Sículo, livro I, capítulo 67).

Já no reinado de Neco II, sucessor de Psamético, destacamos as campanhas militares egípcias contra a Babilônia e os povos do Levante. Nesse cenário, Heródoto aponta para o emprego de embarcações gregas a serviço do Egito (conhecidas como *trieres* para os gregos ou *trirremes* para os romanos, com três fileiras de remadores cada lado):

Psamético deixou um filho, Neco, que o sucedeu [...] ele (Neco) então voltou sua atenção para a guerra; tinha construído *trirremes* [...] e fez uso de suas novas frotas, uma vez que surgira a ocasião; ademais, ele atacou os sírios por

terra e os derrotou em Magdulus, tendo posteriormente tomado a cidade de Gaza (Heródoto, livro II, capítulos 158-159)³⁶.

Durante o reinado de Apriés (ou Haaibra), o faraó empreendeu uma campanha na Líbia contra a colônia grega de Cirene. Estrategicamente, decidiu não enviar os seus soldados gregos para a campanha, e os alocou em regiões fronteiriças, visando combater uma possível invasão babilônica (FORSHAW, 2019, p.148). Como resultado, o exército egípcio (composto por nativos) foi derrotado, e os soldados remanescentes, acreditando que o faraó teria os enviado para a morte (preferindo assim os seus mercenários gregos aos egípcios), se revoltaram e nomearam como novo faraó o general Amásis, resultando em um período de guerra civil no Egito. Apriés, apoiando-se nos seus mercenários gregos, combateu o líder rebelde e o seu exército.

Contudo, como destaca Heródoto:

Apriés armou seus mercenários (um corpo de 30.000 cários e jônios, os quais se encontravam com ele em Saís [...] as duas forças se encontraram uma com a outra em Momemphis, e se prepararam para a batalha que estava por vir [...] no combate que se seguiu, os mercenários deram o melhor de si, mas estavam em menor número e foram derrotados. Apriés [...] esteve no pior lado da luta e foi feito prisioneiro [...] quando Apriés foi deposto [...] Amásis veio ao trono (Heródoto, livro II, capítulos 163;169-172).

Nesse cenário, Roger Forshaw aponta para uma outra versão desses eventos, presente na chamada Estela de Elefantina de Amásis, na qual se menciona a derrota de uma força asiática que teria auxiliado Apriés a reconquistar o trono, durante o quarto ano do reinado de Amásis II. Ao que tudo indica os asiáticos em questão eram os

³⁶ FORSHAW, Roger. *Egypt of Saite Pharaohs, 664-525 B.C.* 1ªed. Manchester. Manchester University.2019, p.126. Forshaw aponta que o uso de *trieres* (trirremes em latim), por parte dos egípcios, mencionado por Heródoto é, na realidade, equivocado, tendo em vista que o emprego do termo *trieres* só seria utilizado em textos gregos a partir da segunda metade do século VI a.C. É mais provável que os egípcios tenham se servido de embarcações conhecidas como “pentêkónteros” (50 remos) ou de birremes (duas fileiras de remadores em cada lado), ou, simplesmente as melhores embarcações de guerra da época.

babilônios de Nabucodonosor II. Apriés foi morto em combate e sepultado com os devidos ritos fúnebres (FORSHAW, 2019, p.149).

Como vimos anteriormente, desde o reinado de Psamético, o Egito e o mundo grego mantiveram relações diplomáticas, seja por meio das alianças militares ou do comércio. Além do auxílio inicial entre Psamético e Giges da Lídia (reino não helênico na Ásia Menor, mas que exercia influência sobre a região grega da Jônia), nós encontramos importantes informações nas obras de Heródoto e Diodoro no que concerne ao desenvolvimento das relações entre gregos e egípcios no período saíta. Nesse sentido, Heródoto destaca que “após se estabelecerem pela primeira vez no Egito, os gregos começaram a se relacionar de forma regular com os egípcios” (Heródoto, livro II, capítulo 154). Diodoro, por sua vez, aponta que, no caso de Psamético I, os próprios filhos do faraó receberam uma educação grega (Diodoro Sículo, livro I, capítulo 67). Nesse cenário, o mesmo autor afirma que Psamético também celebrou uma aliança com os atenienses e outros gregos.

Essas relações de amizade buscavam não só estabelecer ligações comerciais entre esses povos, mas também favorecer a captação de gregos para servir no exército dos faraós. Uma das formas empregadas pelos soberanos egípcios para estreitar relações com o mundo grego se deu por meio do envio de presentes aos santuários helênicos, como ocorreu no reinado de Neco II, quando este enviou ao templo de Apolo, na Milésia, a sua armadura que havia utilizado no cerco de Gaza (Heródoto, livro II, capítulos 158-160). O professor Ronaldo Gurgel Pereira, servindo-se dos ensinamentos de Kousoulis e Morenz, destaca que as doações aos santuários helênicos se relacionavam com as políticas de recrutamento, ou estavam ligadas aos interesses comerciais (PEREIRA, 2019, p.162).

Amásis II (570-526) foi mais adiante: segundo Heródoto, além de ofertar presentes a vários templos da Grécia, o faraó também se casou com uma certa Ladice, oriunda de uma importante família de Cirene. Ademais, Amásis não apenas celebrou

uma aliança com Cirene, como também estreitou relações de amizade com Polícrates, tirano de Samos, sendo muito provável que, dessas relações, um possível auxílio militar foi oferecido ao faraó, quando este subjugou a ilha de Chipre. Contudo, no final do seu reinado, Amásis teria que lidar com uma nova ameaça vinda do exterior: os persas liderados por Cambises II, filho de Ciro, o Grande. Auxiliado por tropas compostas por diversos grupos étnicos como gregos e medos, Cambises contará com o apoio de Phanes de Halicarnasso, um mercenário grego que traiu a confiança de Amásis e revelou ao rei da Pérsia que a melhor maneira de conquistar o Egito seria por meio do auxílio dos árabes. Assim, Cambises solicitou um salvo-conduto ao rei da Arábia, conseguindo atravessar o deserto em segurança. As tropas egípcias foram derrotadas na batalha de Pelúcio (525), e, com a morte do sucessor de Amásis, Psamético III (526-525), teríamos o fim da XXVI dinastia.

Por fim, verificamos que um dos elementos-chave para compreendermos a ascensão dos faraós saítas é justamente a formação de alianças entre os soberanos egípcios e as famílias dominantes no Egito e também no mundo exterior. Observamos que o faraó Psamético I se serviu dessas ligações para fortalecer o seu poder, destacando-se aqui as interações entre gregos e egípcios. Dessa forma, ao desenvolver as relações comerciais com os helenos, Psamético, assim como os seus sucessores, não apenas fortalecia o seu poder econômico, mas principalmente o político, representado pelo exército, o qual, na época, era formado por soldados de diversas origens (destacando-se os soldados gregos, muito valorizados pelos faraós, sendo empregados tanto no exército como na marinha).

Ademais, a presença dos helenos e de outros grupos estrangeiros, como os cários, acentuou a diversidade étnica que existia no Egito, destacando-se os períodos anteriores de dominação líbia e kushita, como bem mencionamos inicialmente. O sucesso dos estrangeiros no Egito contribuiu para a vinda de novos imigrantes do mundo grego na terra dos faraós, e, muito embora o sentimento filo-helenico por parte dos

soberanos saítas não tenha sido adotado por todos os nativos egípcios, reafirmamos a importância dos gregos no Egito Saíta, sobretudo no âmbito militar, uma vez que auxiliaram os faraós contra ameaças, tanto externas (como a Babilônia de Nabucodonosor II, ou os persas de Cambises II), como internas, a exemplo dos que serviram ao faraó Apriés durante a guerra civil contra Amásis (muito embora verificamos que o emprego de gregos no exército egípcio nem sempre garantia a vitória egípcia em todas as batalhas, como se observa no confronto acima ou durante a invasão persa no Egito). Mesmo após a queda da dinastia saíta, observamos que os contatos entre o mundo grego e egípcio perdurariam, destacando-se as alianças militares entre governos gregos (como Atenas e Esparta) e as dinastias rebeldes egípcias contra os dominadores persas (BAINES; MÁLEK, 2008, pp.51-52).

Referências

Documentação

- ASSURBANIPAL. *Cilindro Rassam - Prisma A. Oracc Museum*. Disponível em: <http://oracc.museum.upenn.edu/rinap/rinap5/corpus/>. Acesso em 11 de abril de 2021.
- HERODOTUS. *The Histories* (Traduzido por Audrey de Sélicourt e revisado com a introdução e notas por John Marincola). 3ªed. Londres: Penguin Readers, 2003.
- SÍCULO, DIODORO. *Biblioteca Histórica. Libros I-III*. 1ªed. Barcelona: Gredos Editorial S.A., 2001.

Bibliografia

- BAINES, John; MÁLEK, Jaromír. *Deuses, Templos e Faraós. Atlas Cultural do Egito Antigo*. 1ª ed. Barcelona: Folio, 2008.
- BOBBIO, Norberto. *Teoria Geral da Política*. 14ªed. Rio de Janeiro: Editora Campus/Elsevier, 2000.
- FORSHAW, Roger. *Egypt of Saite Pharaohs, 664-525 B.C.* 1ªed. Manchester: Manchester University, 2019.

HALE, John. *Not Patriots, Not Farmers*. In: KAGAN, Donald; VIGGIANDO, Gregory (ed). *Men of Bronze: Hoplite Warfare in Ancient Greece*. 1ªed. Oxford: Princeton University Press, 2013.

LEFÈVRE, François. *História do Mundo Grego*. 1ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LLOYD, Alan Bradley. *Herodotus Book II Introduction*. 1ªed. Leiden: Brill, 1975.

PEREIRA, Ronaldo Gurgel. *A XXVI Dinastia e as suas Relações com o Egeu: o Egito Saíta como uma Potência Mediterrânea nos Séculos VII- VI a.C.* NEARCO: Revista Eletrônica de Antiguidade. Núcleo de Estudos da Antiguidade -NEA, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Volume XI. 2019. Número II, pp.147-174.

VILLING, Alexandra. *The Greeks Return to Egypt 700-332 BC*. In: COLE, Sara ; POTTS, Timothy ; SPIER, Jeffrey (ed). *Beyond the Nile: Egypt and the Classical World*. 1ªed. Los Angeles: Getty Publications, 2018.